

A POESIA E A BEATA BEAT CULTS: UMA ANÁLISE DE DISCURSO DO CORDEL DE SALETE MARIA

POETRY AND THE “BEATA” BEAT CULTS: A DISCOURSE ANALYSIS OF SALETE MARIA'S CORDEL

Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro¹

ORCID: <https://orcid.org/:orcid:0000-0001-5574-4494>

Enviado em: 02/02/2026

Aceito em: 30/03/2026

Publicado em: 22/07/2026

Resumo: Juazeiro do Norte, localizada no sul do Ceará, é uma cidade de história bastante particular, cujo discurso fundador foi um fenômeno religioso, um sangue misterioso que jorrou na boca da beata Maria de Araújo, no momento da comunhão, o qual ficou conhecido como O Milagre da Hóstia. Historicamente, o foco das narrativas incidiu sobre o líder político, religioso e diretor espiritual da Beata Maria: o Padre Cícero Romão Batista. A partir da década de 1980, historiadores (as) tem se debruçado sobre a história da cidade, no intuito de compreender melhor os fenômenos. Não só a pesquisa historiográfica tem voltado o seu olhar para tais aspectos, também a Arte em geral e, especificamente, a Literatura de Cordel. O folheto que ora analisamos, foi uma das primeiras expressões artísticas no campo da poesia a abordar esta temática, com as lentes focadas na personagem que foi silenciada e invisibilizada em seu protagonismo, por uma série de fatores, hodiernamente conhecido como fatores interseccionais (Bilge e Collins, 2021): mulher negra, pobre, nordestina. O trabalho tem, portanto, como objetivo, proceder a uma análise de discurso do folheto “Maria de Araújo e o seu papel na história de Juazeiro ou A beata beat Cult”, com o objetivo de investigar os processos linguístico-discursivos de constituição da subjetividade da personagem histórica abordada no folheto. As nossas bases teóricas são as teorias do discurso e do sujeito em autores como Michel Pêcheux (1997) e Michel Foucault (2001).

Palavras-chave: Análise do Discurso francesa; Literatura de cordel; Beata Maria de Araújo; Salete Maria.

¹ Universidade Regional do Cariri – URCA); Doutora; Email: claudia.pinheiro@urca.br; link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1508574605124187>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5574-4494>.

Abstract: Juazeiro do Norte, located in the south of Ceará, is a city with a very unique history, whose founding discourse was a religious phenomenon, a mysterious blood that gushed from the mouth of “Beata” Maria de Araújo, at the moment of communion, which became known as The Miracle of the Host. Historically, the focus of the narratives was on the political and religious leader and spiritual director of Blessed Maria: Father Cícero Romão Batista. Since the 1980s, historians have been studying the history of the city, in order to better understand the phenomena. Not only has historiographical research turned its attention to such aspects, but also art in general and, specifically, Cordel Literature. The pamphlet we are now analyzing was one of the first artistic expressions in the field of poetry to address this theme, with the lens focused on the character who was silenced and made invisible in her protagonism, due to a series of factors, today known as intersectional factors (Bilge and Collins, 2021): a black, poor, northeastern woman. This paper therefore aims to carry out a discourse analysis of the “folheto”: “Maria de Araújo and her role in the history of Juazeiro or The beata beat Cult”, with the aim of investigating the linguistic-discursive processes of constitution of the subjectivity of the historical character addressed in the “folheto”. Our theoretical bases are the theories of discourse and the subject in authors such as Michel Pêcheux (1997) e Michel Foucault (2001). **Keywords:** French Discourse Analysis; Cordel literature; “Beata” Maria de Araújo; Salete Maria.

Introdução

Salete Maria da Silva é um dos mais significativos nomes da Literatura de Cordel contemporânea, tendo produzido mais de 60 folhetos abordando temáticas como feminicídio, homofobia, feminismo, diversidade humana, direitos humanos, dentre outras. Advogada de mulheres, travestis e pessoas LGBTQIPNA+ vítimas de violência, escreveu, inclusive, petições jurídicas em formato de cordel.

A autora foi também membra-fundadora da Sociedade dos Cordelistas “Mauditos” (grafia dos poetas), grupo/movimento surgido em Juazeiro do Norte-CE, no ano 2000, o qual, inserido na tradição do Cordel, mas trazendo, no entanto, diversas mudanças, promoveu uma espécie de deglutição antropofágica, “patativoswaldeandreaana” anunciada desse gênero literário/prática cultural.

Analizamos, portanto, a produção poética de Salete Maria da Silva. Para este trabalho, tomamos como *corpus* de análise o folheto “Maria de Araújo e o seu papel na história de Juazeiro ou A beata beat Cult”, com o objetivo de investigar os processos linguístico-discursivos de constituição da subjetividade da personagem histórica

abordada no folheto. Para tanto, articulamos as teorias do discurso e do sujeito nos diálogos entre Michel Pêcheux (1997) e Michel Foucault (2001).

Interessa-nos compreender como as transformações desse gênero literário/prática cultural: Literatura de Cordel, se relacionam com as transformações do “regime de discursividade” e, por conseguinte, com as transformações e dispositivos de produção de subjetividades.

Nessa perspectiva, investigamos, também, as condições de emergência desses discursos, ou seja, que condições sócio-históricas os tornaram possíveis. Para tanto, vamos compreender este contexto histórico, a partir da formação do movimento dos “Cordelistas Mauditos” de Juazeiro do Norte.

1. Salete Maria e a Sociedade dos Cordelistas Mauditos

Eu organizo o movimento
Eu oriento o Carnaval
(Caetano Veloso)

Salete Maria possui uma vida acadêmica, política e poética profícua, com acentuado foco na pesquisa. É formada em Direito pela URCA, especializou-se em Gestão de Pessoas pela UFBA, fez mestrado em Direito na UFC, doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos na UFBA e Pós-doutorado em Direito com enfoque de gênero pela UNAM. Atualmente é docente da Escola de Administração da UFBA e professora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo-PPGNEIM/UFBA e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Segurança Pública, Justiça e Cidadania-PROGESP/UFBA. É líder do JUSFEMINA - grupo de pesquisa e extensão em gênero, direito e políticas para a igualdade. Foi docente também do Curso de Direito da Universidade Regional do Cariri-URCA e coordenadora da graduação e pós-graduação em Direitos Humanos daquela universidade. Como pesquisadora da área jurídica tem inúmeros artigos e livros publicados, com destaque para *A carta que elas escreveram*: a participação das mulheres no processo de elaboração da Constituição Federal de 1988 (Da Silva, 2012), um marco importante na produção

científica sobre a participação feminina do âmbito político. Em 2000 foi candidata a prefeita de Juazeiro e em 2006 candidata a governadora do Ceará.

Acontece que a pessoa, além de formiga ainda é cigarra. Toda pesquisa e engajamento nas lutas pelos direitos humanos dos setores subalternizados da sociedade foi transformada em Literatura de Cordel. No intuito de romper silêncios, Salete Maria é uma dessas vozes que traz outras vozes: das mulheres, dos negros, dos idosos, das pessoas LGBTQIPNA+, da transgênero, em folhetos como “Habeas bocas companheiras!”, Mulher-Cariri Cariri-mulher, Embalando meninas em tempos de violência, Lesbecause, o grito dos (mau) entendidos, do direito de ser gay, o Milagre Travestrhiller: a história da travesti que (com fé) engravidou, dentre outros, são títulos que nos dão uma ideia das temáticas abordadas pela autora. Seus folhetos podem ser encontrados tanto na forma impressa como no blog cordelirando: <https://cordelirando.blogspot.com/>.

Em março de 2014, Salete Maria completou o que denominou “20 anos de cordelírio feminista e libertário” celebrado no Centro Cultural de Juazeiro do Norte com o lançamento do cordel “Basta de feminicídio”. Nessa trajetória, teve cordéis premiados pela Fundação Cultural do Estado da Bahia-FUNCEB, recitados pela atriz Deth Haak, musicados pela cantora Socorro Lira (Cf. Lira, 2011)², encomendados pelos cineastas Vagner Almeida e Orlando Pereira, estudados por diversos (as) pesquisadores (as) e em escolas e universidades.

Sobre a Sociedade dos Cordelistas Mauditos, retornemos ao ano 2000. Enquanto vários setores da sociedade brasileira inseriam-se por meio de duelos discursivos nas comemorações (ou não) dos 500 anos do Brasil, em Juazeiro do Norte, cidade localizada a 550 km de Fortaleza, na Região do Cariri cearense, um grupo-movimento de jovens poetas desfiaram um rosário de versos que provocaram transformações no que se pensava até então sobre Literatura de Cordel. Publicados

² Esse espetáculo foi apresentado no SESC Pompéia, em São Paulo, no dia 11 de agosto de 2011, contando com os seguintes músicos: Socorro Lira (voz, violão e percussão), Cássia Maria (contrabaixo acústico) e Olívio Filho (sanfona).

pelo Projeto “SESCordel: Novos talentos” e autointitulados “Sociedade dos Cordelistas Mauditos” (grafia original), lançaram-se com uma produção de 12 folhetos da série: “Agora são outros 500” em cujas capas, podia-se ler um manifesto:

A nossa comunicação se dá através da poesia de cordel, traço da nossa identidade nordestina. Odiamos tecnicistas sem sentimentos literários. Somos contra o lugar comum da globalização que cria signos massificantes e uniformiza o comportamento estético. Nosso movimento pretende, sob uma ótica intertextual, utilizando vários códigos estéticos, redimensionar a literatura de cordel para um campo onde todas as linguagens sejam possíveis. Não somos nem erudito nem popular, somos linguagens. Entramos na obra porque ela está aberta e é plural. Somos poetas e guerreiros do amanhã. A poesia escreverá, enfim, a verdadeira história. Viva Patativa do Assaré e Oswald de Andrade. (Fanka, 2000. Capa).

Além do manifesto, os folhetos apresentavam diferenças dos tradicionais tanto na forma como no conteúdo, mantendo, entretanto o suporte “folheto”. Algumas capas traziam colagens, desenhos, fotos e alguns, ainda, ilustrações nas folhas internas do cordel, além das tradicionais xilogravuras. Outros foram escritos até sem rima, considerada uma das características essenciais do Cordel. Essa era a proposta do poeta Ermano Moraes, com sua sintaxe peculiar, expressa na pontuação (ou ausência específica dela) que lembra a poesia também vanguardista e revolucionária do poeta Geraldo Urano (2015). Eis um excerto do seu revolucionário folheto *Carnaval* (1999):

Com o absurdo de Camu/nasceu o dia vesti-me com as roupas almáticas de Mersaut/trafeguei lambendo o pó de carvão do asfalto de minha carapaça pra lá molambi-me pelas pedras e pelos ímãs tendo em meu mandascarado peito mil buquês de poemas mortos/[...] espero nunca entrar naquela sela que tem na parede retratos e Norman Lailer não eu não me conformo e fico mastigando brita, (Ermano, 1999, s.p.)

Tal proposta não foi aceita pela maioria do Coletivo, posto que pretendiam manter a estrutura formal do Cordel, tanto do suporte quanto da estrutura poética com a métrica e a rima, por exemplo. Fábio Sousa Tavares referiu-se ao poeta Ermano como “um maldito para os Mauditos.” (Tavares, 2001, p. 4)

Quanto às temáticas, os “Mauditos” apresentaram novas discursividades no tocante a questões de gênero, racismo, homoafetividade, religiosidade, diferentemente semantizados pelos cordéis tradicionais. Por exemplo, “A história de Joca e Juarez” de Fanka Santos e Salete Maria (Cf. Santos; Da Silva, 2001), antes do filme *O segredo de Brokeback Mountain* (2005), narra a história de um casal gay em Juazeiro do Norte à época do Padre Cícero. *Os dez mandamentos do bom cordelista*, de Hélio Ferraz (s.d.), por exemplo, é uma sátira mordaz às ideologias racistas, sexistas e homofóbicas, presentes em muitos dos folhetos tradicionais.

As reações foram as mais diversas: desde “isso não é cordel”, “não se deve usar o santo nome do cordel em vão”, advindas, por exemplo, do poeta e xilógrafo Abraão Batista, até estratégias de silenciamento desses (as) poetas na história do próprio cordel. Há alguns livros que abordam a “história do cordel no Ceará” e, no entanto, não há nenhuma referência ao movimento dos Mauditos. Um conjunto de oito artigos sobre o Movimento encontra-se em Grangeiro (2020).

O movimento que perdurou como tal, pelo menos, por uma década, foi um marco importante na cultura do Cariri, influenciando outros movimentos posteriores, como, por exemplo, o Bando Coletivo. O grupo público mantém uma página no facebook e atuou na produção, divulgação, intervenção e subversão da cultura no Cariri, apresentando-se na rede social como:

Anti-heróis. Marginais. Mágicos intergalácticos. Somos um bando. de gente desajustada! No que de mais bonito possa haver no desajuste. Somos incompatíveis com esta sociedade desigual, careta, cínica, que exclui e conclama o consumismo como salvação. E quando não suportamos mais o estrangeirismo terrestre, os quais nos faz crer que somos seres extraplanetários: Gritamos arte! Mas os bandoleiros/bandidos também sussurraram. Sussurramos nas paredes das cidades poesias de amores e de luta e até ousamos ordenar baixinho à surdina madrugada que achem a beata roubada. É em suas diversas linguagens que os seres fixos e flutuantes que povoam o Bando, forjam, manifestam, experimentam, criam teias de afeto e in[ter]venções artísticas. Em nós o caos, calma. Em nós os “sujeitos ordinários”. A floresta. O nihilismo. Em nós as vontades, desejos insubmissos. Em nós a transgressão até tradição. Em nós a poesia, cidades. Em currais, as ruas. O sol. Em nós as luas. As formas em fumaças e nuvens. Em mundo. Em nós os nos. Em nós, os outros e alguma arte. (Bando Coletivo, *on-line*, 2014).

Uma das intervenções mais marcantes do Bando foi em 2011. Colaram nas paredes das cidades de Crato, Juazeiro e Barbalha um lambe-lambe contendo a imagem da Beata Maria de Araújo sangrando e os seguintes enunciados: PROCURA-SE “Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo - BEATA MARIA DE ARAÚJO - mulher, pobre, negra desaparecida desde 22 de outubro de 1930”.

Fig. 01 – Fotografia do cartaz “Procura-se Beata Maria de Araújo”



Fonte: Acervo de Lino Fly Cariri, autor da foto

Outro movimento que recebe influência direta das propostas dos Mauditos é o *Queerdel* de Pablo Soares e a sua perfechatividade de gênero. Os neologismos formados por aglutinação são um diálogo com a teoria da pensadora feminista Judith Butler (2010), um dos principais nomes da Teoria *Queer*, a qual apresenta uma visão crítica da heterocisgenericidade como norma. Para esta corrente, o gênero não é algo essencialista, natural, mas um construto social e historicamente determinado, o que traz como consequência a multiplicidade dos sujeitos, que não cabem nas categorias binárias tradicionais de “homem” ou “mulher” e muito menos nas categorias de orientação sexual como “gay”, “lésbica” etc. Já a palavra perfechatividade é composta também, por aglutinação de performance/performatividade, também utilizada por Butler para se referir aos comportamentos relativos ao gênero na sociedade e a palavra “fechação”, muito comum na linguagem das pessoas LGBTQIPNA+ para se referir a algo notável, que chama a atenção, um espetáculo, ou mesmo, às suas performances:

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

Fecharão e viadagem
O sertão já virou mar!
Vozes, gritos ecoando
Com a boca a metralhar
Esfacela imaginários
Reiventa o cenário
Com o dom do performar. (Costa, 2020, p. 95)

2. A Análise do Discurso, o Sujeito e a Função-Autor

A chamada Análise do Discurso Francesa (AD) vem se configurando como uma das mais profícuas áreas de pesquisa no âmbito das Ciências Humanas, tendo em vista que, em seu próprio nascedouro, já despontava também como transdisciplinar, articulando três campos do saber: a Linguística, ao Materialismo Histórico e a Psicanálise. Da Linguística, reconhece o corte saussuriano, acrescentando ao real da língua o “real da história”, de forma que o ser humano faz a história, sem no entanto, esta lhe ser transparente. Do materialismo histórico advém a noção de ideologia, polêmica e fruto de muitas reelaborações e da Psicanálise vem o deslocamento da noção de indivíduo para a de *sujeito* (Pêcheux, 1997) ou *forma-sujeito*, este ser coletivo, clivado, múltiplo, constitutivamente atravessado e constituído pela ideologia e pelo Inconsciente. Para o autor, a ideologia não é concebida como “visão de mundo”, ou “falsa consciência”, mas como elemento estruturante e constitutivo do discurso. Nesta perspectiva, todos os discursos são ideológicos, não havendo, portanto, “discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia (Pêcheux, 1997, p. 133).

Assim, para essa corrente, o discurso passa a ser visto não só como produção linguística, mas como produção do imaginário, como elemento inscrito na história, em cuja interpretação atua necessariamente uma memória sócio-histórica.

Importante, neste campo do saber, foi a contribuição de Michel Foucault (2021) sobre sujeito e autoria. Para o filósofo, o sujeito não existe a priori, nem na sua origem, nem sua suposta essência imanentista. Não há, pois, nenhum tipo de essência identitária *per si*. A identidade do sujeito é uma construção histórica, temporal, datada. O sujeito, para Foucault é disperso, descontínuo, é uma função neutra, vazia, podendo

adquirir diversas posições, inclusive a de autor. Fala sobre o “desaparecimento do autor”, no ato da escrita. O sujeito que escreve morre, apaga-se em sua singularidade existencial, para que o seu nome tome a função-autor:

[...] o autor deve se apagar ou ser apagado em proveito das formas próprias ao discurso. Isto posto, a pergunta que eu me fazia era a seguinte: o que essa regra do desaparecimento do escritor ou do autor permite descobrir? Ela permite descobrir o jogo da função autor. (Foucault, 2001, p. 294)

Trata-se de uma jornada que parte da carne à assinatura. O “nome do autor” é a marca que possibilita unificar, delimitar, referenciar saberes sob a lápide de um território específico: a assinatura.

Nesse sentido, um dos aspectos mais marcantes deste folheto que nos propomos a analisar é exatamente o jogo da função autor, a trama constuída pela autora, que “morreu”, apagou-se, de forma bastante peculiar: multiplicou-se em inúmeras posições de sujeito, construindo várias personas, várias vozes, portanto, várias “assinaturas” para construir a subjetividade da personagem em tela.

3. A Poesia *Beat Cult* de Salete Maria

O *beat* é a unidade básica de tempo que compõe uma peça musical. Em termos simples, representa a batida rítmica em uma faixa, que pode ser percebida como o pulso ao qual dançamos ou balançamos a cabeça. O *beat* pode ser visto como o “coração” da música, fornecendo a estrutura sobre a qual outros elementos são construídos. Os músicos e produtores usam o *beat* para criar a base em que outros instrumentos, vocais e melodias se encaixam.

Podemos compreender, nesse contexto, pois, o *beat cult* como batida cult que se mescla, se funde, com o popular, a própria linguagem do Cordel, a qual também se funde com a chamada “cultura erudita”, demonstrando que tais fronteiras, se é que existem, são fluidas e que “lugar de fronteira é no infinito”, como dizia o poeta Geraldo Urano (2015), fazendo jus à proposta do cordelistas mauditos: “não somos erudito nem popular, somos linguagens”.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

O Cordel, em si mesmo, por ser um gênero oriundo das poéticas da oralidade e que traz em seu corpo a métrica, a rima e o ritmo, já é, por sua própria natureza, musical. Especificamente, neste texto, o primeiro aspecto que chama a atenção, é que ele já nasceu para ser musicalizado/teatralizado, um folheto que já nasceu “trans”, transemiótico:

E pra fazer este verso
Este texto teatral,
Se MANO³ se interessar
E quiser dramatizar
Esse cordel vai render [...]
Enquanto eles se ajeitam
E fazem a maquiagem. (Da Silva, *on-line*, 2009)⁴

Outro aspecto patente no texto é a multiplicidade das posições de sujeito, relacionadas à função-autor inicial. Uma autora que enuncia/anuncia a perspectiva pela qual vai contar a história, contrapondo-se à história oficial que, do seu ponto de vista está “mal contada”. Neste caso, é marcante o efeito de sentido causado pelo jogo de palavras, pela proximidade fonética entre as palavras: “*figurante*/estrela *fulgurante*, que traz a personagem em tela como protagonista da história, dialogando com as produções escritas da cultura de massa: Revista Playboy, gibi; da cultura denominada “popular”, como a Literatura de Cordel e a cultura considerada erudita, como a referência a George Bataille, escritor francês, autor de *Summa Atheologica*, História do olho, Minha mãe (base do filme homônimo de Christophe Honoré, 2004),

³ Referência a Mano Grangeiro, integrante da Companhia de Teatro Livrement. A companhia encenou, na década de 1980, o espetáculo A Serva, de autoria de Emmanoel Nogueira, a qual, na década de 1980, narrou na história de Juazeiro sob a perspectiva da Beata Maria de Araújo. O espetáculo foi ampliado e encenado a céu aberto, na Catedral de Juazeiro, com o título: *História de um santo do povo*, em 2024. Ver reportagem em <https://globoplay.globo.com/v/12198781/>. Acesso em 23/06/2025.

⁴ O cordel dos poetas “Mauditos” sempre estiveram em diálogo com outras linguagens artísticas, como o Cinema, por exemplo. O cordel *O milagre travesthriller: A história da travesti que (com fé) engravidou*. Disponível em: <https://cordelirando.blogspot.com/2010/07/o-milagre-travesthriller-historia-da.html>. Acesso em 21/06/2025, da mesma autora, foi encomendado pelo cineasta Orlando Pereira já com propósito de virar filme. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YQ1W78TG_24 Acesso em 21/06/2025.

dentre outras. Escreveu tanto obras literárias como outras nos campos da filosofia, antropologia, economia, crítica literária, sociologia e história da arte, as quais abordam erotismo, transgressão, relação do ser humano com o sagrado etc. O texto faz referência, também, a Maria do Carmo Pagan Forti, pesquisadora que, em 1999, no Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero, realizado em Juazeiro do Norte, apresentou a tese de que a protagonista do chamado Fenômeno da Hóstia foi a Beata Maria de Araujo:

Maria de Araújo
 Beata, pobre, iletrada
 Desse enredo não fujo
 Que história mal contada!
 Ela não foi figurante
 Era estrela fulgurante!
 Da hóstia ensangüentada

E pra fazer este verso
 Este texto teatral
 Onde o fato controverso
 Merece atenção total
 Eu li Do Carmo Forti
 Playboy, Bataille e gibi
 Cordel, cartilha e jornal. (Da Silva, *on-line*, 2009)

Fig. 02 – Capa do folheto *Maria de Araújo e o seu papel na história de Juazeiro ou A beata beat cult*, de Salete Maria da Silva



Fonte: Blog da autora

Desta forma, a narrativa vai ser construída por diversas vozes/posições de sujeito, assim enunciados pela voz do narrador:

Nesta ficção real
Dou voz a um narrador
A minha avó sou leal
Pois foi ela quem contou
Como era o Juazeiro
Naquele tempo primeiro
Quando tudo começou

(Dou voz a pesquisadora
E vou chamá-la de P
De N a narradora
E minha vó vai ser V
Se MANO se interessar
E quiser dramatizar
Esse cordel vai render... (Da Silva, *on-line*, 2009)

As vozes tanto do narrador quanto da pesquisadora são semelhantes, posto que ambos vão proceder à contextualização histórica e uma apresentação da figura de Maria de Araújo, apresentada como “baixinha, negra, mouca, casta, cambota, casta, devota, penitente, silente, mulher sozinha no mundo, obediente, prendada, artesã de habilidade, considerada louca”:

N:
Baixinha, negra e mouca
Casta, cambota e silente
Considerada “a louca”
Devota e penitente
Mulher sozinha no mundo
Só lhe restava, no fundo,
Achar que não era gente

P:
Vivendo num ambiente
Onde a religião
Era um forte componente
Para sua formação
Sem qualquer perspectiva
Sem pai, sem mãe, à deriva
Vivia em oração

N:
Obediente e prendada
Servia ao sacerdote
Vivia como agregada
Em Juazeiro do Norte
Na casa do Padim Ciço
Jovem, ainda no viço
Pranteava sua sorte

P:
Dizem que foi artesã
De muita habilidade
(...)

N:
Muitas vezes recebia
Certas manifestações
Cristo e a Virgem Maria
Em muitas ocasiões
Surgiram na frente dela
Na camarinha a donzela
Via tias aparições

N:
Às vezes não entendia
Chegou a se rebelar
O Padre Ciço dizia:
Maria vá comungar
Orava com muita fé
Aquele simples mulher
Cujas histórias vou contar

P:
Com nove anos de idade
Ficou sozinha na terra
Viveu sua mocidade
Ali pertinho da serra
Da Chapada do Araripe
Porém nunca andou de jipe
Mas soube onde o bode berra
(...)

N:
Assim o tempo corria
Nas terras do Juazeiro
O cenário que havia

Chamavam de tabuleiro
Mandacaru, xiquexique
Casinhas de pau-a-pique
Muita novena e romeiro. (Da Silva, *on-line*, 2009)

Esse discurso funciona, de fato, como um contradiscurso aos detratores dos fenômenos de Juazeiro e da Beata Maria, que a desqualificavam com discursos misóginos e racistas, como por exemplo, o do Padre Alencar jPeixoto, que assim a descreveu:

Maria de Araújo é um produto do cruzamento de duas raças desprezíveis [negra e índia] dando, portanto, uma hibridez horrível, uma monstruosidade feito mulher [...]. Os beiços moles e relaxados deixam a descoberto em um dos cantos da cacóstoma [maus odores] boca, à competência com a pele cor de azeitona em estado de putrefação, denegridos, os dentes lanianos. É uma alma soberanamente execrável. (Peixoto, 2011, p. 9)

A voz da Vó se distingue da voz do narrador e da pesquisadora. Essa voz apresenta uma descrição detalhada e minuciosa de como era o cotidiano da cidade na época, mas por meio da forma não-padrão da língua. Expressões como “cumade, madinha, muié, às veziz, dispois, penitência”, indica que se trata de alguém sem muita escolaridade formal, mas guardiã de um saber sobre a realidade à época do acontecimento:

V:
Muita vela e lamparina
Muita cabaça e quartinha
Donzelas e vitalinas
Muita cumade e madinha
Menino tinha em magote
Na feira vendiam pote
Mii e saca de farinha

V:
Jumento pra todo lado
Chapéu, arreio e gibão
Um coronel potentado
Uma cúia de algodão

Uma muié dando a luz
Fazendo o sinal da cruz
Parindo mais um cristão

V:
A vida ali era assim
No mei dos pé de Juá
Celebrava meu padim
E as beata a rezar
Às veiz uma desavença
Dispois uma penitença
E tudo vortava ao normá. (Da Silva, *on-line*, 2009)

A partir deste momento, é narrado o Fenômeno da Hóstia, discurso fundador da história de Juazeiro. Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, mais conhecida como Beata Maria de Araújo, uma jovem devota, em 1º de março de 1889, ao receber a comunhão das mãos do Padre Cícero Romão Batista, seu diretor espiritual, não pôde degluti-la, pois a hóstia transformou-se em sangue. Antes disso, narrou no Inquérito instituído pela Igreja Católica que, desde criança apresentava os estigmas da crucificação de Cristo e tinha visões com ele e com Nossa Senhora, os quais diziam a ela que muito tinha que sofrer pelo amor divino. O fato repetiu-se e o povo concluiu que se tratava do sangue de Jesus Cristo e, portanto, era um milagre. O povoado de Juazeiro passou a ser palco de peregrinação, pois a multidão queria ver a Santa Maria de Araújo e tratava os panos ensanguentados como objetos divinos:

P:
Até que chegou o dia
Da dita transformação
Na hora da eucaristia
No meio da multidão
A hóstia ensangüentada
A besta extasiada
Deu-se o 'milagre' então

N:
A partir deste instante
O padre é taumaturgo
Fanatismo militante
Do bispo veio o expurgo
Maria não é ouvida

Chega a ser preterida
No famigerado burgo. (Da Silva, *on-line*, 2009)

As vozes da pesquisadora e do narrador vão expor o sucedido depois do fenômeno. O então bispo de Fortaleza, D. Joaquim José Vieira enviou dois sacerdotes que investigaram o caso e o tiveram como divino, recebendo, inclusive, os sacerdotes, a comunhão das mãos de Maria de Araújo. O bispo não admitiu o resultado e convocou uma nova comissão que concluiu não haver milagre. O relatório do inquérito foi enviado à Santa Sé que confirmou a decisão tomada pelo bispo. A partir deste momento, a história toma uma direção dramática: o Padre Cícero é suspenso de ordens, proibido de officiar os sacramentos: casar, batizar, o povo é proibido de falar do fenômeno, proibido de cultuar os panos ensanguentados, de colocar os nomes dos filhos de Cícero e Cícera, sob pena de excomunhão, a beata é condenada à reclusão na Casa de Caridade do Crato e aí ficou até a sua morte, em 1914. No folheto, os fatos são narrados pela pesquisadora, pelo narrador e pela Vó, desta forma:

P:
Investigação ferrenha
Sindicante apuração
Neste fogo muita lenha
Botava o bispo então
Para provar o engodo
Chafurdava ele no lodo
Do sangue da comunhão

P:
O alvo era o vigário
Que ganhava posição
Com aquele relicário
De grande repercussão
O poder ameaçado
O bispo horrorizado
Queria a tal suspensão

N:
E assim tudo se deu
O padre foi impedido
A igreja entendeu
Que aquilo era um perigo

Mas a beata coitada
Já andava acabrunhada
Longe do seu velho abrigo

V:
Levaro ela pro Crato
Pra casa de Caridade
Inzageraro no ato
Num tinha nicissidade
Improibiro de falá
Vivia a pobe a orá
Foi grande a iniquidade. (Da Silva, *on-line*, 2009)

Em 1931, o túmulo da Beata que ficava na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Juazeiro do Norte, foi violado e seus restos mortais foram saqueados e nunca mais encontrados. A partir deste momento do folheto, as três vozes passam a denunciar as relações de poder relacionados ao processo de silenciamento e invisibilidade da memória de uma mulher negra, pobre, nordestina, em cujo corpo ocorreram fenômenos raros, incomuns, mas que, para a Igreja Católica, não poderia ser considerada santa:

N:
Um tribunal de exceção
Um caça à bruxa devota
Vejam que situação
O padre era poliglota
Ela, coitada, nem lia
Tampouco ela sabia
Que o poder tudo esgota

N:
Desde então deprimida
Orava, orava e orava
Assim findava a vida
Tristonha, muda, calada
Depois que foi sepultada
Cova vilipendiada!
Pra não lembrarem de nada

P:
Representava ameaça
A quem detinha o poder

Viveu para ser a caça
Nada mais podia ser
A hóstia não foi em vão
Vide a Meca do Sertão
Muito tem a nos dizer

N:
Rua Beata Maria
Num dos bairros populares
Quanta glória e honraria!
Nem andor e nem altares!
O teu lugar na história
Que perecível memória!
Não coube em nossos lares. (Da Silva, *on-line*, 2009)

A partir deste momento, o Narrador e a Vó trazem dois elementos icônicos tanto para a denúncia da injustiça, da invisibilidade e do silenciamento da personagem como para o processo de identificação: a hóstia de trigo/pão (que ela comeu cru) e o sangue, relacionados com a origem: “tá no meu sangue” no sentido de pertencimento, como símbolo, também, da cidade, principalmente dos setores subalternizados da sociedade.

A fala da Vó apresenta dois aspectos: o distanciamento: “não digo que sou beata, não digo que eu sou tu” e a aproximação, a identificação com a personagem: “digo que tu faz farta quando tempero o angu”, metáfora que referencia o trabalho cotidiano da mulher que, como a beata, também come o “pão cru” das dificuldades e desafios cotidianos.

Desta forma, agora a beata é um sujeito coletivo e um verbo: o verbo “beatar”: “quantas beatas-marias eu vejo aqui hoje em dia mudando a história contada” com os quais se identificam as pessoas discriminadas: a mulher que tempera o angu, o trabalhador que bate a marreta e o xerém e beata, que constrói a casa, que vai à escola, o sujeito comum que “bate roupa, bate carteira, baralho, punheta e beata”:

N:
O teu bendito beata
Belisca a hóstia de trigo
Teu sangue no pano-ata
Faz medo qual papa-figo
A tua beatitude

De pé rachado e rude
Tá no meu sangue e não digo

V:
Num digo que sou beata
Num digo que eu sou tu
Mas digo que tu faz farta
Quando tempero o angu
Pru que eu sinto o sabô
Da hóstia que dismanchô
Do pão que tu comeu cru. (Da Silva, *on-line*, 2009)

E a voz do narrador prossegue seu processo de distanciamento/proximidade, ou como diria Michel Pêcheux: identificação/desidentificação (1997). O bendito é um cântico religioso de louvor que inicia com a palavra “bendito”.⁵ Nos instantes finais, o narrador não se insere, propriamente no contexto religioso, mas poético, posto que faz um “falso bendito”, que pode ser a própria poesia ou como diz o texto “uma cantiga enjoada”, posto que “a vida é uma embolada”, mas também pode ser um “bendito”, ou um “falso bendito”. A embolada pode ser lida tanto no aspecto da poesia oral, traço marcante da cultura do Nordeste brasileiro quanto no sentido das dificuldades e desafios cotidianos.

Aqui se encontra o ápice da narrativa: a história de Juazeiro do Norte atualizada, com as questões prementes como a violência contra a mulher e contra os animais: “Bato sentado e em pé/ Porém não bato em muié/ Nem bato meu pau no gato”, temas recorrentes na obra da autora.

Encontra-se, portanto, aqui, a saga da Beata Maria de Araújo, que teve seu protagonismo silenciado e invisibilizado, contada e cantada para ser teatralizada, o que pode ser sintetizado nos versos finais: Teatra, beata e ata!:

N:
Eu faço um falso bendito
Uma cantiga enjoada

⁵ “Bendito e louvado seja a luz que mais alumeia. Valei-me meu Padrinho Ciço e a Mãe de Deus das Candeias. (Hino dos Romeiros). Sobre a análise de discurso de um bendito, Cf. Nunes da Silva; Grangeiro, 2024.

Enquanto faço acredito
A vida é uma embolada
Quantas beatas-maria
Eu vejo aqui hoje em dia
Mudando a história contada

Todos: (ritmo de embolada)

[...]

Batendo palma beato
Batendo bolo também
Batendo pano no ato
Batendo roupa e xerém [...]

Beato e bato punheta
Bato baralho e beato
Beato e bato marreta
Bato carteira e beato
Bato sentado e em pé
Porém não bato em muié
Nem bato meu pau no gato

Beato e bato uma bola
Bato as asas e beato
Beato e vou a escola
Construo casa e beato
[...]

(Ritmo de Bendito)

Teatra a ata beata
Desata a ata e bata
Beata a bata beata
Bata beata a bata
E bata a ata beata
Beata bea beata
Teatra, beata e ata! (Da Silva, *on-line*, 2009)

Considerações Finais

Propusemos como objetivo para este trabalho proceder a uma análise de discurso do folheto no intuito de investigar os processos linguístico-discursivos de constituição da subjetividade da personagem Beata Maria de Araújo neste folheto

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

específico, com base nos fundamentos teóricos da Análise do Discurso Francesa. O resultado da nossa investigação nos indicou um mecanismo primordial de construção da subjetividade: a autora, ou mais precisamente a função autor (a), na perspectiva de Foucault, desdobra-se em múltiplas posições de sujeito: o narrador, a pesquisadora e a vó para construir a imagem de Maria de Araújo como “casta, devota, penitente, silente, mulher sozinha no mundo, obediente, prendada, artesã de habilidade”, dentre outros atributos.

Tal discurso funciona como um contraponto, um contradiscurso aos processos sócio-históricos de desqualificação, invisibilidade e silenciamento da figura da Beata Maria de Araújo, os quais tocavam/tocam diretamente na estrutura patriarcal, misógina e racista da sociedade brasileira. Pelo momento histórico em que o folheto foi escrito, vem a ser um amplificador das vozes, mormente do campo da pesquisa histórica, antropológica, sociológica em torno dos fenômenos de Juazeiro, principalmente no tocante aos processos de compreensão dos silêncios e avivamento da memória da Beata Maria de Araújo, considerada por pesquisadores (as) como a protagonista dos fenômenos que instituíram a cidade de Juazeiro tal como se configura hoje. Tal discurso coaduna-se, também, com diversos movimentos sociais contemporâneos, como o Movimento de Mulheres do Cariri, o GRUNEC (Grupo de Valorização Negra do Cariri) e o Movimento Pró-Memória da Beata Maria de Araújo (Cf. Grangeiro, 2025).

Desta forma, fica, portanto, a contribuição do folheto de Cordel para esse processo, o que coloca em foco a premissa do manifesto dos cordelistas Mauditos: “a poesia escreverá, enfim, a verdadeira história”. Mesmo que a Musa não escreva, por si só, a “verdadeira” história, certamente, é um espaço profícuo de revisitação das evidências e verdades até então aceitas como inquestionáveis.

Referências

BANDO COLETIVO. *On-line*, 2014. Disponível em:
<https://www.facebook.com/bando.coletivo>. Acesso em: 15 mai. 2025.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>
Macapá, v. 12, n. 1, 2026.

BANDO COLETIVO. *On-line*, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4snR7nONgY/bando.coletivo>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patrícia Hill. *Interseccionalidade*. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COSTA, Pablo Soares Pereira. A balada do lado sem luz: perfeçatividades de gênero no campo do cordel. In: GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro (Org.). *Benditos “mauditos”*: tradição e transgressão na Literatura de Cordel. Curitiba: CRV, 2020. p. 84-101.

DA SILVA, Salete. Maria. *Maria de Araújo e o seu papel na história de Juazeiro ou A beata beat cult*. *On-line*, 2009. Disponível em <https://cordelirando.blogspot.com/2009/03/maria-de-araujo-e-seu-lugar-na-historia.html>. Acesso em: 19 jun. 2025.

DA SILVA, Salete. Maria. *O milagre travesthriller*: A história da travesti que (com fé) engravidou. *On-line*, 2010. Disponível em <https://cordelirando.blogspot.com/2010/07/o-milagre-travesthriller-historia-da.html>. Acesso em: 21 jun. 2025.

DA SILVA, Salete. Maria. *A carta que elas escreveram*: a participação das mulheres no processo de elaboração da Constituição Federal de 1988. São Paulo: Instituto Memória, 2012.

ERMANO, José Elvis. *Carnaval*. Juazeiro do Norte: Do Autor, 1999.

FANKA. *Agora são outros 500*: tupy or not tupy. Juazeiro do Norte, CE: Sociedade dos Cordelistas Mauditos, 2000.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos III*: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

GRANGEIRO, Claudia Rejanne Pinheiro. A chave do sacrário: o movimento pró-memória da Beata Maria de Araújo. In. *Anais do VI Simpósio Internacional Padre Cícero e do I Simpósio Internacional de Religiões e Espiritualidades*. Juazeiro do Norte, 2025, s.p. (No prelo).

GRANGEIRO, Claudia Rejanne Pinheiro. (Org.). *Benditos “mauditos”*: tradição e transgressão da Literatura de Cordel. Curitiba: CRV, 2020.

FERRAZ, Hélio. *Os dez mandamentos do bom cordelista*. Juazeiro do Norte-CE: Do Autor, s.d.

LIRA, Socorro. *Espetáculo das bandas de lá da Paraíba*. São Paulo: SESC Pompéia, 11 de agosto de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ekEZFTiUcEg>. Acesso em 21 jun. 2025.

NUNES DA SILVA, Natanaely; GRANGEIRO, Claudia Rejanne Pinheiro. Onde está, onde está? Nossa santa beata onde está?: uma análise sobre memória e silenciamento em torno da Beata Maria de Araújo. In: *Revista Antares: Letras e Humanidades*. v. 16, n.º 37, 2024, p. 1-19. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/13208>. Acesso em: 17 jun. 2025.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

PEIXOTO, Alencar. *Joazeiro do Cariri*. 2 ed. Fortaleza: IMEPH, 2011.

PEREIRA, Orlando. *Travesthriller*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=YQ1W78TG_24. Acesso em 17 jun. 2025.

SANTOS, Fanka; DA SILVA, Salete Maria. *A história de Joca e Juarez*. Juazeiro do Norte, CE: Da Autora, 2001.

TAVARES, Fábio Sousa. *Jornal Contraindicação.*, n.º 01. Juazeiro do Norte-CE: HB, 2001.

URANO, Geraldo. *O ferrolho do abismo*. Fortaleza: Expressão, 2015.